



## PIBID, UMA PONTE ENTRE A DISCENCIA E A DOCÊNCIA

Thawane Gonçalves Sena  
Licenciatura em Pedagogia  
UEG Câmpus Cora Coralina UnU Jussara  
thawanesena1@gmail.com  
Bolsista do PIBID Edital 2024 / 2026  
Prof. Dr. Wilson de Sousa Gomes<sup>1</sup>

**RESUMO:** O presente relato tem como propósito descrever a experiência vivenciada como bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), no curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Estadual de Goiás (UEG), durante o ano de 2025. O texto busca evidenciar as contribuições do programa para a formação docente, destacando a relevância da integração entre teoria e prática sob a perspectiva do olhar discente. São apresentadas as vivências formativas adquiridas ao longo do processo, as observações realizadas em sala de aula e a produção de materiais pedagógicos que enriqueceram a prática educativa. Além disso, o relato revela as múltiplas funções exercidas pelo professor, os desafios enfrentados no contexto escolar e o papel essencial do docente como agente alfabetizador e mediador do conhecimento.

**PALAVRAS-CHAVE:** PIBID, educação, docente.

### INTRODUÇÃO

Participar do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) representa um marco essencial para o futuro professor, ele proporciona a vivência da prática docente enquanto ainda no processo de formação acadêmica. Ao integrar o cotidiano escolar, o licenciando tem a oportunidade de articular teoria e prática, desenvolver um olhar crítico e compreender as reais demandas do ensino fundamental. As observações e experiências descritas neste relato ocorreram na Escola Campo – Escola Municipal Professora Dolores Martins, do município de Jussara – GO. As atividades foram desenvolvidas nas turmas do 1º ano do Ensino Fundamental I durante o ano de 2025.

Iniciamos o projeto com estudos norteados pelo coordenador de área, o Professor Dr. Wilson de Sousa Gomes. Em linhas gerais, realizamos análises baseadas na obra “Alfaletrar” de Magda Soares (2020 e 2016), tanto a obra escrita quando os documentos audiovisuais disponibilizados pela NOVA ESCOLA<sup>2</sup>. Os documentários explicam de forma detalhada os

<sup>1</sup> Doutor em História. Professor da Universidade Estadual de Goiás. Coordenador de área do PIBID Pedagogia / Alfabetização.

<sup>2</sup> SOARES, Magda. Alfaletrar - Alfabetização e Letramento. In: Nova Escola – Youtube. Disponível em:



processos de alfabetização e letramento, expõe os processos na prática, associam as ações a teoria e, no decorrer dos vídeos retrata situações reais de professoras no seu ato docente de ensinar e alfabetizar.

Nossos momentos de socialização foram realizados de modo coletivo, todos tiveram momentos de fala, sempre com pontuações e acréscimos do coordenador / orientador e das professoras supervisoras. O subprojeto foi dividido em grupos, cada grupo ficou sob responsabilidade de uma supervisora na escola. Assim, orientadas pelas três supervisoras, elas nos ofereceram total suporte para que pudéssemos contribuir de modo explicativo e demonstrativo com os demais bolsistas, viabilizando sugestões de materiais pedagógicos e outros métodos que nos auxiliassem nos encontros.

## DESENVOLVIMENTO

Relacionado o ato de ensinar aos momentos práticos e de observações em sala de aula, considero que o ambiente encontrado foi rico em recursos pedagógicos. Na escola havia paredes decoradas com alfabetos, numerais, calendários, cartazes de sílabas e cantinhos de leitura, favorecendo a aprendizagem e a interação dos alunos. A cada visita, a rotina escolar evidenciava os desafios e as conquistas no processo de alfabetização e letramento, exigindo dos docentes criatividade e capacidade de adaptação para lidar com diferentes ritmos e necessidades.

Segundo Magda Soares (2020), “alfabetizar letrando é garantir que o aluno aprenda o sistema de escrita e, simultaneamente, compreenda a função social da leitura e da escrita”. Essa perspectiva nos levou a análise aqui apresentada, demonstrando que a alfabetização não se limita à decodificação de códigos, mas, envolve a inserção da criança em práticas sociais de leitura e escrita. Assim, a experiência no PIBID possibilitou observar como o professor se torna mediador de aprendizagens significativas, promovendo o desenvolvimento integral do estudante e reforçando a importância de um ensino que una teoria e prática.

Nossos encontros formativos e reuniões de estudo em sua maioria, foram realizados de forma presencial no prédio da UEG Câmpus Cora Coralina, Unidade de Jussara, encontros estes voltados para a compreensão do processo de alfabetização. Inicialmente as bolsistas divididas em núcleos (A, B e C) orientados pelas supervisoras e professoras Carmem Castro e Silva

---

< <https://www.youtube.com/watch?v=oLzUcZS6dHc&list=PLfarCWFbZ2YbEypoe3g4NTyy8zfIghulw> >. Lagoa Santa – MG: UFMG/ Youtube, 2016.



Lemes, Janete Caixeta de Oliveira e Silésia Maria de Araújo. As supervisoras disponibilizaram conteúdo e deram dica e conselhos para socializarmos o conhecimento na formação e sua aplicação na escola. As nossas supervisoras nos davam suporte para melhor interação, entre eles a disponibilização de materiais pedagógicos, explicações e saberes necessários a prática educativa. Baseados no livro “Alfaletrar” (SOARES, 2020), demos início aos momentos de interação no qual cada núcleo trouxe um conteúdo diferente, todos explícitos no livro citado, foram momentos únicos que nos levaram a compreender os processos da psicogênese.

As reuniões de estudo e socialização proporcionadas pelo PIBID ampliaram a compreensão teórica que sustenta a prática. Encontros sobre o projeto demonstraram que a alfabetização não é apenas a apropriação do código escrito, mas um processo de construção de sentido que exige planejamento, estratégias lúdicas e mediação constante. As atividades formativas possibilitaram uma visão superior ao que vemos no dia a dia como sociedade. Compreendemos por exemplo que cada criança tem o seu tempo para passar por determinado processo, claro que como futuros educadores devemos ter cuidado com este tempo, mas também precisamos saber respeitá-lo e acima de tudo procurar formas e métodos que possam provocar suas mudanças no momento certo.

Segundo Magda Soares (2020), os textos são o eixo central no processo de alfabetização, por meio deles a criança compreende a função social da leitura e da escrita. Para ela, alfabetizar não se limita a ensinar a codificar e decodificar letras e sons, é necessário que tenhamos o cuidado de promover o contato com não apenas textos fictícios, mas também, textos reais e significativos, como os bilhetes, receitas, notícias, cartas e outros. Com isso, buscamos sempre alternativas que rodeassem os textos para nossos momentos de comunicação, representando opções de atividades que desenvolvessem através de músicas, poemas e outros gêneros.

Seguimos para as observações simples, o objetivo era observar a rotina das turmas, ver seu funcionamento, estratégias e tudo o que é realizado no dia a dia dos alunos e professoras. Ao chegar, tivemos orientações como de nos sentarmos separadas para não chamar muita atenção das crianças, quase inevitável, mas que funciona. Tivemos uma recepção exemplar da professora supervisora Silésia Maria de Araújo, que encarecidamente nos apresentou e presenteou com um mimo como forma de boas-vindas, além do acolhimento dos alunos.

Magda Soares (2020), nos diz que o ambiente alfabetizador é aquele que cria condições para que a criança compreenda a função social da leitura e escrita. Baseado nessa fala, relato



aqui que o espaço nos chamou muita atenção, por ser totalmente familiarizado com materiais didáticos funcionais, que podem ser utilizados como ferramentas para o desenvolvimento das crianças, existiam diversos banners, como de convívio na sala com as regras, quantidade de alunos, silabário, chamada, numeral, alfabeto, calendário e o cantinho da leitura, tudo muito lúdico e bem-preparado. Além de tudo, a professora sempre procura manter a sala toda organizada, bem como as fileiras e mochilas também alinhadas nas cadeiras, uma forma imprescindível de bom funcionamento do ambiente.

Após as observações simples feitas, nos reunimos para troca de experiências. Pontuamos em relação ao desenvolvimento das turmas, em quais níveis estariam, a importância da presença dos pais e familiares na vida dos estudantes, pois uma maioria que não recebe ajuda em casa, infelizmente não estão tão bem quanto aos que recebem esse auxílio. Muitos precisam de um olhar a mais para que possam prosseguir melhor, mas entendemos que são muitos alunos para uma só professora, mesmo que haja apoio na sala, é difícil suprir a necessidade de cada um, um trabalho de fato muito árduo para quem está na posição de regente. Notamos de modo geral o cuidado das professoras no preparo dos materiais didáticos para as aulas, apresentações lúdicas, a preocupação de fazer com que todos participem de alguma forma.

Depois de um tempo realizamos as observações diagnósticas, na qual estivemos mais dois dias em sala de aula para observar o desenvolvimento dos alunos e elaborar estratégias de intervenção com uma “Semirregência”. Posteriormente conforme o planejado, tivemos um momento cedido pela professora supervisora para aplicação prática e, demos segmento ao material LEIA<sup>3</sup>, disponibilizado pelo programa AlfaMais, para não interferir na rotina escolar. Elaboramos nossas aulas a partir do que já seria trabalhado e, após finalizarmos, auxiliamos a supervisora nos afazeres da turma.

As observações diagnósticas realizadas em sala de aula representam uma etapa fundamental no processo de formação docente e na compreensão da realidade escolar. Esse tipo de atividade possibilita ao futuro professor desenvolver um olhar crítico-reflexivo acerca das práticas pedagógicas, ao mesmo tempo em que favorece a articulação entre teoria e prática, elemento essencial para a construção de uma identidade profissional consistente. Como destaca Soares (2020, p. 00), “a prática pedagógica só se concretiza plenamente quando o professor é

---

<sup>3</sup> GOIÁS. Secretaria de Estado da Educação. Estado de Goiás. Leitura, escrita e Interpretação na Alfabetização (LEIA) - vivências – Goiânia: Seduc, Alfa Mais, Undime. 2024.





capaz de refletir sobre sua ação, avaliando seus resultados e buscando estratégias que favoreçam a aprendizagem de todos os alunos”.

Durante a primeira observação foi possível constatar que o ambiente escolar estava devidamente estruturado em consonância com os princípios de um espaço alfabetizador. Nas paredes, havia materiais pedagógicos e lúdicos, como numerais, alfabeto, tabuada, sílabas, regras, calendário, chamada e um cantinho de leitura. Esse tipo de ambiente é defendido por Soares (2020, p. 00) como condição indispensável para o processo de alfabetização, pois “a criança precisa estar cercada de textos e de práticas sociais de leitura e escrita para que compreenda a função da língua escrita na vida cotidiana”.

Entre os materiais expostos, destacava-se o banner do projeto Alfa Mais Goiás, que apresentava dados sobre o nível de alfabetização, letramento e leitura dos alunos. Em linha gerais, entendemos que havia a preocupação de ações mais intensas para a desenvoltura da turma. De acordo com Soares (2020, p. 00), “a alfabetização é um processo que vai além da decodificação de letras; envolve a construção de sentidos e a inserção da criança no mundo da cultura escrita”. Nesse sentido, os resultados demonstram a urgência de estratégias diferenciadas que atendam às demandas de cada aluno. Com isso, a professora supervisora solicitou as bolsistas do PIBID ações voltadas para a melhora da leitura e escrita dos alunos. Nesse momento compreendemos o quanto é completo o processo de ensino e da alfabetização.

Na vivência da rotina escolar, notamos a baixa participação das famílias no processo de aprendizagem, esse fator interfere diretamente no desenvolvimento escolar. Soares (2020, p. 00) lembra que “a alfabetização não é responsabilidade apenas da escola, mas de toda a comunidade que cerca a criança, especialmente da família, que precisa participar ativamente do processo”. Essa ausência de apoio familiar reforça o desafio enfrentado pela professora, que, mesmo apresentando domínio da turma, encontra limitações que extrapolam sua atuação individual.

No geral, a rotina escolar e da sala de aula que trabalhamos é organizada com atividades cívicas, canções, preenchimento de cabeçalho e exercícios da apostila Aprende Brasil. A professora regente / supervisora, conduzia as atividades de forma participativa, instigando os alunos com questionamentos. Foi notável que, apesar das dificuldades gerais na leitura, alguns estudantes demonstraram interesse espontâneo e conseguiram ler com fluência, o que evidencia a diversidade de níveis de aprendizagem presentes na sala. Essa heterogeneidade confirma o



que Soares (2020, p. 00) defende: “a alfabetização deve respeitar os diferentes ritmos de aprendizagem, promovendo situações em que cada criança possa avançar a partir de seu ponto de partida”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

De modo geral, o PIBID no seu processo de Iniciação à Docência (ID) é uma oportunidade de formação, aprendizagem e descoberta. Observamos que, mesmo diante das dificuldades, visualizamos o comprometimento da professora em manter o ritmo das atividades. O domínio do conteúdo esteve presente, ainda que nem sempre tenha alcançado a atenção de toda a turma. Esse cenário reflete os desafios enfrentados cotidianamente pelo professor alfabetizador, que precisa equilibrar planejamento, gestão de sala e adaptação às condições reais de ensino. Soares (2020, p. 00) destaca que “a prática pedagógica exige flexibilidade e constante reinvenção, uma vez que cada turma e cada contexto impõem demandas próprias”.

Para nós, enquanto estudantes – bolsistas do PIBID, as regências foram momentos tranquilos. Por sermos pessoas de ‘fora’, que não são do convívio da turma, éramos novidade e, com isso, prendemos mais suas atenções, tornando-se um momento muito produtivo. Algumas crianças estavam atrasadas, distraídas e não acompanhavam as atividades feitas como os outros, mas ao finalizar, todos se saíram muito bem e conseguiram produzir, claro que com suas dificuldades, ritmos e fases de desenvolvimento. Alguns já liam e outros apenas reproduziam a escrita do quadro. Mas, o que notamos é que, a relação entre teoria e prática não se dá de forma harmoniosa é preciso esforço, prepara e sensibilidade para compreender e agir em sala de aula.

Conforme Magda Soares (2020) reforça, o professor é o elemento mais decisivo no processo de alfabetização. Para alfabetizar bem, ele precisa ter uma sólida compreensão sobre os processos de leitura e escrita, domínio da língua, capacidade de avaliação e reflexão sobre a própria prática. Além disso, é essencial que o professor tenha acesso à formação continuada de qualidade, apoio institucional e políticas públicas que valorizem seu trabalho. Ela alerta para problemas estruturais como a ausência de materiais didáticos bem fundamentados, currículos pouco claros, mudanças constantes nas diretrizes e falta de continuidade nas formações docentes, o que prejudica diretamente o processo de ensino e aprendizagem. Compreendendo essa realidade, o PIBID é um momento de conscientização e preparo para o chão da escola.



## REFERÊNCIAS

SOARES, Magda. Alfaletrar: toda criança pode aprender a ler e escrever. 1a ed. São Paulo: Contexto, 2020.

SOARES, Magda. Alfaletrar - Alfabetização e Letramento. In: Nova Escola – Youtube. Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=oLzUcZS6dHc&list=PLfarCWFbZ2YbEypoe3g4NTyy8zfIghulw>>. Lagoa Santa – MG: UFMG/Youtube, 2016.

VALLE, Luciana de Luca Dalla. Metodologia da Alfabetização. Curitiba – PR: InterSaberes, 2013. (Série Metodologias).